|  |
| --- |
| ***Curso Preparandos – Material Complementar***  ***ENEM – Filosofia/Sociologia*** |

**1 – Weber e o uso legítimo da força**

**Poder, política e Estado**

Em diversas situações a noção de poder, política e Estado se entrelaçam de tal forma que chega a ser comum nos atrapalharmos para definirmos, conceituarmos cada um dos conceitos. No entanto, do ponto de vista sociológico, esses três conceitos, apesar de bem próximos. possuem significados bem distintos. Na sociologia, entende-se por poder a possibilidade de exercer influência sobre o comportamento, as atitudes de alguém, seja conhecida ou não. Por política entendem-se os meios pelos quais um indivíduo, grupo social exerce o poder ou a conquista. Já o Estado é um modo específico de exercer o poder e, ao mesmo tempo, a forma como se organiza o sistema político da maior parte das sociedades. É importante salientar que o poder não é exclusivo ao Estado. Em relações simples, como a que temos com amigos e familiares, também exercemos poder.

**Tipos de Poder**

De acordo com o sociólogo Max Weber, o poder refere-se à imposição da própria vontade em uma relação social, mesmo quando há resistência da pessoa dominada. Quantas vezes não sofremos imposições dentro do círculo familiar ou mesmo no emprego, mesmo não gostando? Segundo o sociólogo, o poder está presente em todos os tipos de ambientes, em diferentes esferas da vida humana. Também podemos encontrá-lo em sua forma simples (entre dois indivíduos) ou mesmo na complexa (em uma empresa, cidade ou país). O que há em comum é o desejo de influenciar a conduta alheia.

O poder possui diversas formas de exercício, porém as que mais se destacam para o nosso estudo são: O poder econômico, ideológico e político. O poder econômico se baseia nos bens materiais como forma de influência, o ideológico na capacidade de formação de ideias das pessoas e o político na possibilidade de usar infinitos recursos burocráticos para influenciar a coletividade.

**O poder legítimo e as formas de dominação**

Até o momento falamos, exclusivamente, das relações de poder que todos estão submetidos. A grande questão para Weber é a da identificação da legitimação ou não do poder. Para ele, é legítimo o poder que a influência exercida é aceita por quem está sendo influenciado, como por exemplo, o poder exercido por um governante eleito democraticamente. E não é legítimo o poder que pressupõe o uso da força, como por exemplo, o poder exercido por um ditador. O exercício legítimo do poder é denominado por Weber como dominação, e ele a divide em três tipos – a dominação tradicional, a racional-legal e a carismática.

A dominação tradicional é aquela que os indivíduos aceitam o poder exercido, pois acreditam nas crenças e hábitos difundidos por gerações. Já a dominação racional-legal é aceita por todos, pois se estabelece a partir das leis, de um conjunto burocrático de normas amplamente reconhecidas. Por fim, a dominação carismática é exercida através da crença de que um determinado indivíduo possui qualidades excepcionais que lhe permite exercer tal liderança.

Exercícios

**1**. “A dominação, ou seja, a probabilidade de encontrar obediência a um determinado comando, pode fundar-se em diversos motivos de submissão. Pode depender diretamente de uma situação de interesses, ou seja, de considerações utilitárias de vantagens e inconvenientes por parte daquele que obedece. Pode também depender de mero ‘costume’, do hábito obtuso de um comportamento inveterado. Ou pode fundar-se, finalmente, no puro afeto, na mera inclinação pessoal do dominado. Não obstante, a dominação que repousasse apenas nesses fundamentos seria relativamente instável. Nas relações entre dominantes e dominados, por outro lado, a dominação costuma apoiar-se internamente em bases jurídicas, nas quais se funda a ‘legitimidade’, e o abalo dessa crença na legitimidade costuma acarretar consequências de grande alcance.”

(WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. IN: CASTRO, Celso. Textos básicos de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.58).

Com base no texto acima, analise as afirmativas:

I. A obediência é uma força coercitiva que se impõe sobre os indivíduos como uma forma de lei natural que assegura a perpetuação histórica das formas de dominação.

II. As ações sociais orientadas pela obediência à tradição são as que melhor caracterizam as relações de dominação na sociedade moderna.

III. A racionalidade jurídica expressa a forma mais elevada de pensamento humano; portanto, é raramente questionada pelos indivíduos.

IV. A dominação é uma relação social, portanto envolve ações sociais recíprocas entre dominantes e dominados.

V. As ações humanas são orientadas por diversas motivações e finalidades que envolvem tanto relações de afeto quanto cálculos que avaliam ganhos e perdas de determinadas atitudes.

Assinalar a alternativa correta.

**a)** I e II estão corretas.

**b)** I e III estão corretas.

**c)** I e IV estão corretas.

**d)** IV e V estão corretas.

**e)** Apenas I está correta.

**2.** (Enem 2011) “Os três tipos de poder representam três diversos tipos de motivações: no poder tradicional, o motivo da obediência é a crença na sacralidade da pessoa do soberano; no poder racional, o motivo da obediência deriva da crença na racionalidade do comportamento conforme a lei; no poder carismático, deriva da crença nos dotes extraordinários do chefe.”

BOBBIO, N. Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (adaptado)

O texto apresenta três tipos de poder que podem ser identificados em momentos históricos distintos. Identifique o período em que a obediência esteve associada predominantemente ao poder carismático:

**a)** República Federalista Norte-Americana.

**b)** República Fascista Italiana no século XX.

**c)** Monarquia Teocrática do Egito Antigo.

**d)** o Monarquia Absoluta Francesa no século XVII.

**e)** Monarquia Constitucional Brasileira no século XIX.

**3**. (Ufu 2016) Para Weber, “A dominação, ou seja, a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato, pode fundar-se em diversos motivos de submissão.” (COHN, 1991. p. 128).

Nesse sentido, as ações de Mahatma Gandhi, líder no movimento de independência da Índia, representam qual tipo de dominação na análise weberiana?

**a)** Dominação Legal.

**b)** Dominação Anômica.

**c)** Dominação Carismática.

**d)** Dominação Altruísta.

**e)** Dominação inteligente.

**4**. (Uem 2016) “Obedece-se não à pessoa em virtude de seu próprio direito, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer. Também quem ordena obedece, ao emitir uma ordem, a uma regra: à ‘lei’ ou ‘regulamento’ de uma norma formalmente abstrata”.

(WEBER, M. Os três tipos puros de dominação legítima. In: CASTRO, C. (org). Textos básicos de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 59).

Considerando o texto citado e conhecimentos sobre a perspectiva teórica de Max Weber, assinale as afirmativas:

I. O trecho acima destacado apresenta a descrição de um tipo de dominação política que se dá em virtude das qualidades carismáticas, afetivas e intelectuais de líderes comunitários.

II. A obediência às regras e aos estatutos legais encontra na burocracia sua principal expressão histórica.

III. A dominação exercida pelo sistema jurídico legal é constituída por dois processos distintos. Do lado de quem exerce o poder, vigora a dominação constituída pela força, pela vontade e pela virtude. Do lado de quem se submete à lei, vigora o medo, o dever e a fidelidade.

IV. A profissionalização, a valorização de competências técnicas e o direito de ascensão e negociação no trabalho são características que compõem o tipo ideal de dominação descrita no trecho citado.

V. Os Estados modernos, por princípio, organizam-se por meio de processos racionais de controle da violência, como os aparatos policiais e jurídicos.

5. (Unioeste 2016) Max Weber (1864-1920) afirma que “devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território […], reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física”

(Weber, Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 56).

Assinale a alternativa CORRETA, a respeito do significado da afirmação de Weber.

**a)** Para Weber, no caso do Estado contemporâneo, apenas seus agentes podem utilizar a violência de modo legítimo dentro dos limites do seu território.

**b)** O Estado foi sempre o único agente que pode utilizar legalmente a violência com o consentimento dos cidadãos – a violência dos pais contra os filhos, por exemplo, sempre foi ilegal.

**c)** Atualmente, o Estado é o único agente que utiliza a violência (ameaças, armas de fogo, coação física) como meio de atingir seus fins – assim a segurança de todos os cidadãos está garantida.

**d)** Outros grupos também podem utilizar a violência como recurso – por exemplo, as empresas privadas de vigilância – independente da autorização legal do Estado.

**e)** Todos os cidadãos reconhecem como legítima qualquer violência praticada pelos agentes do Estado contemporâneo – por exemplo, quando a polícia usa balas de borracha contra grevistas.

**2 - Período Helenista**

Na época em que Alexandre Magno conquistou a Grécia, o Egito e todo o Oriente Médio, construindo um verdadeiro império intercontinental e dando início ao período histórico conhecimento como helenismo, a filosofia antiga passou por grandes transformações. Aristóteles, o último grande filósofo do período sistemático, havia morrido e, após ele, o que se formou foi uma série de correntes filosóficas divergentes, conhecidas como filosofias helenísticas. Tais correntes constituíram a última fase da filosofia antiga e duraram desde o século IV a.C. até o século VI d. C., depois da queda do Império Romano do Ocidente, quando o imperador bizantino Justiniano proibiu definitivamente a promoção de qualquer vertente de pensamento pagã.

Antes de tratarmos de cada uma dessas correntes em específico, é necessário compreender o que todas elas tinham em comum: tratavam-se de vertentes filosóficas fundamentalmente éticas, isto é, voltadas para a questão da conduta e da ação humanas. Suas preocupações, muito mais do que com problemas teóricos e especulativos, como a origem do mundo, o fundamento do conhecimento e a ordem do universo, era com questões práticas, em particular aquela que diz respeito à boa vida, isto é, à felicidade humana. Para os helenísticos, não é que as questões teóricas não fossem relevantes ou que a realidade não devesse ser compreendida, mas sim que estas coisas são importantes apenas porque ajudam o homem a viver melhor - e não o contrário.

Para o epicurismo, o homem vive dividido entre duas possibilidades básicas: o prazer e a dor. Sua felicidade, assim, consiste em obter o maior prazer e a menor dor possíveis. Isto, porém, não significa que o epicurismo seja hedonismo, ou seja, uma busca desenfreada por prazer. Ao contrário, segundo Epicuro, fundador da escola, há muitas dores passageiras que, a longo prazo, geram prazeres enormes (como estudar muito para passar no vestibular), assim como há prazeres intensos que depois promovem dores maiores (como beber muito e ficar de ressaca). A busca pelo prazer e a fuga da dor, portanto, não deve ser impulsiva e irracional, mas ponderada e equilibrada. Atomistas, os epicuristas diferenciavam-se de Demócrito, porque não achavam que tudo é determinado pela constituição dos átomos, mas sim que o homem é livre em suas decisões.

Para o estocismo, a felicidade humana consiste na ataraxia, tranquilidade da alma, ou apatheia, ausência de perturbações. Tal tranquilidade é obtida quando o homem, guiando-se por sua razão, vence o poder das paixões e sentimentos sobre seu ânimo. Este guiar-se pela razão é a grande meta da filosofia estóica e se obtém, segundo Zenão, fundador da escola, a partir do momento em que o homem reconhece que há uma Razão universal e divina que rege e conduz o mundo. Ao reconhecer que o mundo é mantido pela Razão, o ser humano percebe que a realidade possui uma estrutura lógica e coerente à qual o homem, para ser feliz, precisa vincular-se.

Para o ceticismo, a ataraxia, tranquilidade da alma, é obtida através da suspensão do juízo, isto é, do abandono de toda e qualquer convicção substantiva. Com efeito, para os céticos, tudo é duvidoso, questionável e não se pode ter certeza de coisa alguma. Assim, as crenças convictas e firmes, seja no atomismo, na Razão universal ou em qualquer outra coisa, muito mais do que satisfação, geram dor e incômodo, uma vez que podem sempre ser postas em xeque. A felicidade, portanto, encontra-se não em agarrar-se a uma visão de mundo específica, mas em perceber a relatividade de todas as crenças e suspender o juízo a respeito de tudo.

Para o cinismo, a felicidade é obtida pela autarkeia: a autossuficiência, o autodomínio. No seu entendimento, por sua vez, isto só se consegue mediante uma vida totalmente dedicada à prática filosófica e um rompimento radical com os padrões morais e sociais estabelecidos. Tais pensadores, por isso, viviam de maneira totalmente anárquica: sem teto, nas ruas, como mendigos. Diógenes, por exemplo, o mais famoso membro da escola, morava em um barril, masturbava-se em público e perambulava pelas ruas com uma lamparina dizendo estar à procura de um único homem honesto. Por este comportamento subversivo, tais filósofos foram comparados a cães (kynos), o que explica o nome da corrente e que não tem nada a ver com o sentido que damos hoje ao termo “cinismo”.

Por fim, para o neoplatonismo, a felicidade se dá através da união com o divino, tratando-se, portanto, de uma filosofia essencialmente místico-espiritual. Nesta busca mística, os neoplatônicos tomavam como referência, como seu próprio nome indica, o pensamento de Platão, o qual procuraram aprofundar e reinterpretar. Em seu pensamento, a Ideia do Bem, essência suprema do Mundo das Ideias platônico, é identificada com Deus ou o Uno, fonte de tudo o que há. Toda a realidade seria, assim, fruto dessa unidade suprema divina, a qual o homem não pode jamais compreender plenamente pela razão, mas a qual pode se unir mediante um conhecimento direto e místico.

Exercícios:

**6**. XI. Jamais, a respeito de coisa alguma, digas: “Eu a perdi”, mas sim: “eu a restituí”. O filho morreu? Foi restituído. A mulher morreu? Foi restituída. “A propriedade me foi subtraída”, então também foi restituída. “Mas quem a subtraiu é mau”. O que te importa por meio de quem aquele que te dá a pede de volta? Na medida em que ele der, faz uso do mesmo modo de quem cuida das coisas de outrem. Do mesmo modo como fazem os que se instalam em uma hospedaria.

EPICTETO. Encheirídion. In: DINUCCI, A. Introdução ao Manual de Epicteto. São Cristóvão: UFS, 2012 (adaptado).

A característica do estoicismo presente nessa citação do filósofo grego Epicteto é:

**a)** explicar o mundo com números.

**b)** identificar a felicidade com o prazer.

**c)** aceitar os sofrimentos com serenidade.

**d)** questionar o saber científico com veemência.

**e)** considerar as convenções sociais com desprezo.

**7**. Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

LAÉRCIO, D. Vidas e sentenças dos filósofos Ilustres. Brasília: Editora UnB, 1988.

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:

**a)** Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.

**b)** Atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.

**c)** Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.

**d)** Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.

**e)** Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

**8**. Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais

nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos

não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua

satisfação ou parecem geradores de dano.

EPICURO DE SAMOS. Doutrinas principais. In: SANSON, V. F. Textos de filosofia. Rio de Janeiro: Eduff, 1974.

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim

**a)** alcançar o prazer moderado e a felicidade.

**b)** valorizar os deveres e as obrigações sociais.

**c)** aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.

**d)** refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.

**e)** defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

**9**. Em meados do século IV a.C., Alexandre Magno assumiu o trono da Macedônia e iniciou uma série de conquistas e, a partir daí, construiu um vasto império que incluía, entre outros territórios, a Grécia. Essa dominação só teve fim com o desenvolvimento de outro império, o romano. Esse período ficou conhecido como helenístico e representou uma transformação radical na cultura grega. Nessa época, um pensador nascido em Élis, chamado Pirro, defendia os fundamentos do ceticismo. Ele fundou uma escola filosófica que pregava a ideia de que:

**a)** seria impossível conhecer a verdade.

**b)** seria inadmissível permanecer na mera opinião.

**c)** os princípios morais devem ser inferidos da natureza.

**d)** os princípios morais devem basear-se na busca pelo prazer.

e) que os princípios morais são definidos por Deus.

**10**. O mundo me condena, e ninguém tem pena

Falando sempre mal do meu nome

Deixando de saber se eu vou morrer de sede

Ou se vou morrer de fome

Mas a filosofia hoje me auxilia

A viver indiferente assim

Nesta prontidão sem fim

Vou fingindo que sou rico

Pra ninguém zombar de mim

Não me incomodo que você me diga

Que a sociedade é minha inimiga

Pois cantando neste mundo

Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo

Quanto a você da aristocracia

Que tem dinheiro, mas não compra alegria

Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente

Que cultiva hipocrisia.

Assinale a sentença do filósofo grego Epicuro cujo significado é o mais próximo da letra da canção “Filosofia”, composta em 1933 por Noel Rosa, em parceria com André Filho.

**a)** É verdadeiro tanto o que vemos com os olhos como aquilo que apreendemos pela intuição mental.

**b)** Para sermos felizes, o essencial é o que se passa em nosso interior, pois é deste que nós somos donos.

**c)** Para se explicar os fenômenos naturais, não se deve recorrer nunca à divindade, mas se deve deixá-la livre de todo encargo, em sua completa felicidade.

**d)** As leis existem para os sábios, não para impedir que cometam injustiças, mas para impedir que as sofram.

**e)** A natureza é a mesma para todos os seres, por isso ela não fez os seres humanos nobres ou ignóbeis, e, sim suas ações e intenções.

**3 - A ética protestante**

De todas as análises concretas elaboradas por Max Weber a partir de a sua teoria sociológica e de seu método, a mais famosa foi aquela que ele desenvolveu a respeito da formação da sociedade moderna e da ascensão do capitalismo. De fato, tal como Durkheim e Marx, Weber preocupou-se muitíssimo em compreender como se deu a construção do sistema capitalista. Durkheim, como já vimos em outra oportunidade, pensava que a formação deste modelo econômico seria explicável mediante a mudança do tipo de solidariedade social dominante: da solidariedade mecânica das sociedades tradicionais, pré-modernas, para a solidariedade orgânica das sociedades moderna e capitalistas. Marx, por sua vez, pensava que a formação do capitalismo deveria ser explicada basicamente através da ascensão de uma nova forma de luta de classes, opondo, de um lado, os burgueses, proprietários dos meios de produção, e de outro os operários, donos apenas de usa força de trabalho. Weber, obviamente, não pensava nem de um modo nem de outro. Fiel à sua sociologia compreensiva e ao seu individualismo metodológico, a interpretação weberiana estabelece que o único modo de compreender o surgimento do capitalismo é através não do exame dos fenômenos sociais em si, mas sim pela análise cuidadosa das intenções dos indivíduos que constituíram o modelo capitalista. Foi precisamente este percurso seguido pelo autor em sua obra mais famosa, A ética protestante e o espírito do capitalismo.

Como o próprio nome do livro indica, para Weber, o evento mais fundamental na formação da sociedade capitalista foi a Reforma Protestante, que dissolveu a unidade do cristianismo ocidental, até então centralizado na Igreja Católica. Longe, porém, de se circunscrever ao âmbito religioso, a Reforma foi, para Weber, a própria causa da ascensão do capitalismo e da mentalidade moderna. De fato, como se sabe, os autores reformados, como Lutero e sobretudo Calvino, criticaram fortemente a perspectiva católica segundo a qual o homem precisa cooperar com Deus para ser salvo. Ao contrário, profundamente pessimistas que eram a respeito da natureza humana manchada pelo pecado, os reformadores criam que o homem é incapaz, por suas próprias forças, não apenas de salvar-se, mas até de cooperar em seu processo de salvação. Por si mesmo, ele é capaz apenas de pecar, de modo que Deus é o único e completo responsável pela dia ao Céu daqueles que se salvam. Assim, não há nada, inteiramente nada que o homem possa fazer por sua salvação. Deus desde toda a eternidade escolheu, de maneira inteiramente arbitrária, quem há de se salvar e quem há de se condenar, de modo que todo homem, ao nascer, já está previamente determinado seja para a salvação, seja para a condenação ao Inferno. Ora, esta ênfase absoluta na predestinação de Deus (insinuada em Lutero e só afirmada plenamente em Calvino), sem deixar qualquer espaço para a liberdade humana, gera um problema prático: se nada do que eu faço, seja boa ou má ação, é indício de que serei salvo, como posso saber que estou no caminho do Céu? Segundo Weber, a resposta a essa pergunta que se tornou mais popular nos países protestantes não foi elaborada diretamente por nenhum grande autor da Reforma, mas sim por certos pastores calvinistas posteriores. Na visão destes pastores, o sinal mais evidente de salvação seria o sucesso econômico. De fato, uma vez que os salvos são aqueles que Deus quer, é natural que Deus proteja e zele por esses a quem ama, garantindo-lhes bênçãos e sucesso financeiro. Assim, concluiu a mentalidade média dos povos protestantes, se dar bem nos negócios é, por excelência, o sinal da graça divina e da salvação.

De acordo com Weber, os impactos dessa mentalidade na ascensão do capitalismo foram fundamentais. Vendo no sucesso financeiro um sinal da benção de Deus, os protestantes passaram a desenvolver um forte senso de eficiência e de busca pelo lucro. Obviamente, se o ganho de dinheiro é uma prova do amor de Deus, gastar esse dinheiro de maneira irresponsável, esbanjando-o em diversões e brincadeiras, mesmo que não pecaminosas, acaba por ser um desrespeito contra Deus. Não é à toa, portanto, na perspectiva weberiana, que os países que tiveram maior desenvolvimento capitalista foram aqueles de formação protestante, como a Inglaterra, os EUA e a Alemanha, enquanto os países mais fortemente católicos, como Portugal, Itália e Espanha, nunca alcançaram o mesmo grau de sucesso capitalista. Em suma, para Weber, a mentalidade protestante de busca pelo lucro como sinal da glória e benção de Deus é que foi o grande motor de desenvolvimento do capitalismo.

Curiosamente – e isso também chama muito a atenção de Weber –, apesar de suas origens religiosas, o que o capitalismo gerou foi justamente um tipo de sociedade no qual a religião não ocupa mais o papel central de antes. Com efeito, todas as sociedades tradicionais, pré-moderna, foram sociedades sacrais, nas quais a religião não apenas era importante, como ocupava o próprio centro da vida em sociedade. A sociedade moderna e capitalista, por sua vez, é uma sociedade secularizada, isto é, uma sociedade na qual a religião ainda é bastante influente, mas não ocupa mais um papel central e determinante. Na prática, o que aconteceu é que todos aqueles elementos da vida social que até então era dependentes da religião, tais, como a arte, a política, a cultura, etc., foram se autonomizando, se guiando por regras próprias e independentes. No linguajar weberiano, tal processo de secularização, de dessacralização da existência humana, é chamado de desencantamento do mundo e sua principal característica é a cada vez maior racionalização da vida. Sendo um sistema que preza acima de tudo pela eficiência, o capitalismo enfraquece muito as ações sociais de tipo irracional, como a tradicional e a afetiva, dando relevância sobretudo à ação racional com relação à fins, que é a típica ação social econômica, empresarial, e que, portanto, é a síntese do capitalismo. Diferente do mundo tradicional das sociedades sacrais, em que os homens se preocupavam sobretudo com valores, a sociedade moderna e capitalista é aquela na qual os homens estão preocupados sobretudo com metas. Sua lógica é a da eficiência e isto se mostra em fatores muito concretos. Não à toa, diz Weber, a sociedade capitalista é marcada por uma enorme burocratização e especialização. Em um contexto no qual o sucesso é o critério supremo de avaliação das ações, nada mais óbvio do que promover a divisão de tarefas, que minimiza os riscos e maximiza os ganhos. Nada mais lógico também do que submeter tudo a regras e normas burocráticas. Para que se produza mais, é importante que os indivíduos sejam regulados, disciplinados, normatizados.

**Exercícios**

**11**. A busca racional do lucro era um dos aspectos essenciais do modelo que Max Weber (1864-1920) construiu para compreender a origem do capitalismo moderno. Segundo Everaldo Lorensetti (2006), o sociólogo alemão considerava que essa característica teve como uma de suas origens a ação social dos protestantes, especialmente dos calvinistas, que “tinham uma ética de vida voltada ao trabalho e à disciplina muito forte, pois acreditavam que trabalho e sucesso seriam indícios de que além de estarem glorificando a Deus estariam garantindo a sua salvação” (LORENSETTI, Everaldo. As teorias sociológicas na compreensão do presente.

In: LORENSETTI, Everaldo et al. Sociologia: ensino médio. Curitiba: SEED-PR, 2006 p. 42.

A partir dessa afirmação, é correto afirmar que:

**a)** Weber desmereceu a importância da religião para o nascimento do capitalismo.

**b)** Weber destacou a importância da religião para diminuir a ânsia capitalista por lucro.

**c)** Weber considerou que, apesar da importância da religiosidade na vida das pessoas, ela não teve influência sobre a origem do capitalismo moderno.

**d)** Weber destacou uma relação de influência da ética da religião calvinista sobre o objetivo de acumulação de riquezas por parte dos indivíduos nas sociedades capitalistas.

**e)** Para Weber, a ética religiosa pode tem uma influência decisiva sobre a vida econômica.

**12.** “O desenvolvimento do racionalismo econômico é parcialmente dependente da técnica e do direito racionais, mas é ao mesmo tempo determinado pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática […]. As forças mágicas e religiosas e as ideias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas de conduta.”

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1981. p. 09

Uma das mais conhecidas explicações sobre a origem do capitalismo é a do sociólogo alemão Max Weber, que postula a afinidade entre a ética religiosa e as práticas capitalistas. Essa relação se mostra claramente na ética do:

**a)** Catolicismo romano, que por meio da cobrança de dízimos e vendas de indulgências estimulou a acumulação de capital.

**b)** Puritanismo calvinista, que concebe o sucesso econômico como indício da predestinação para a salvação.

**c)** Luteranismo alemão, que defendia que cada pessoa devia seguir a sua vocação profissional para conseguir a salvação.

**d)** Anglicanismo britânico, que, ao desestimular as esmolas, permitiu o incremento da poupança nas famílias burguesas.

**e)** Catolicismo Ortodoxo, que, ao abrir mão dos luxos nas construções arquitetônicas, canalizou capital para investimentos econômicos.

**13**. “A crescente intelectualização e racionalização não indicam um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significa a crença em que, se quiséssemos, poderíamos ter esse conhecimento a qualquer momento. Não há forças misteriosas incalculáveis; podemos dominar todas as coisas pelo cálculo.”

WEBER, M. A ciência como vocação. In: GERTH, H.; MILLS, W. (Org.). Max Weber: ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 (adaptado).

Tal como apresentada no texto, a proposição de Max Weber a respeito do processo de desencantamento do mundo evidencia o(a):

**a)** progresso civilizatório como decorrência da expansão do industrialismo.

**b)** extinção do pensamento mítico como um desdobramento do capitalismo.

**c)** emancipação como consequência do processo de racionalização da vida.

**d)** afastamento de crenças tradicionais como uma característica da modernidade.

**e)** fim do monoteísmo como condição para a consolidação da ciência.

**14.** “O impulso para o ganho, a perseguição do lucro, do dinheiro, da maior quantidade possível de dinheiro não tem, em si mesma, nada que ver com o capitalismo. Tal impulso existe e sempre existiu. Pode-se dizer que tem sido comum a toda sorte e condição humanas em todos os tempos e em todos os países, sempre que se tenha apresentada a possibilidade objetiva para tanto. O capitalismo, porém, identificase com a busca do lucro, do lucro sempre renovado por meio da empresa permanente, capitalista e racional. Pois assim deve ser: numa ordem completamente capitalista da sociedade, uma empresa individual que não tirasse vantagem das oportunidades de obter lucros estaria condenada à extinção.”

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2001 (adaptado).

O capitalismo moderno, segundo Max Weber, apresenta como característica fundamental a:

**a)** competitividade decorrente da acumulação de capital.

**b)** implementação da flexibilidade produtiva e comercial.

**c)** ação calculada e planejada para obter rentabilidade.

**d)** socialização das condições de produção.

**e)** mercantilização da força de trabalho.

**15**. Para Max Weber a economia capitalista não é marcada pela irracionalidade e pela “anarquia da produção”. Ao contrário de Karl Marx, que frisava a irracionalidade do capitalismo, para Weber as instituições do capitalismo moderno podem ser consideradas como a própria materialização da racionalidade. Segundo Weber, uma das características do capitalismo moderno é a estrutura burocrática com instituições administradas racionalmente com funções combinadas e especializadas. Para o sociólogo alemão, o controle burocrático é marcado pela eficiência, precisão e racionalidade. Considerando a importância do tema da burocracia na obra de Weber, é correto afirmar que:

**a)** Marx Weber identifica a burocracia com a irracionalidade, com o processo de despersonalização e com a rotina opressiva. A irracionalidade, nesse contexto, é vista como favorável à liberdade pessoal.

**b)** segundo Weber, a ocupação de um cargo na estrutura burocrática é considerada uma atividade com finalidade objetiva pessoal. Trata-se de uma ocupação que não exige senso de dever e nenhum treinamento profissional.

**c)** na burocracia moderna os funcionários são altamente qualificados, treinados em suas áreas específicas, enfim, pessoas que tem ou devem ter qualificações consideradas necessárias para serem designadas para tais funções.

**d)** para Weber, o elemento central da estrutura burocrática é a ausência da hierarquia funcional e a obediência à ordem pessoal e subjetiva.

**e)** a burocratização do capitalismo moderno impede segundo Weber, a possibilidade de se colocar em prática o princípio da especialização das funções administrativas.

**Gabarito:**

**1. E**

Diferente do que diz (I), a obediência não é uma lei natural, mas uma construção social. Diferente do que diz (II), a obediência tipicamente moderna é a racional-legal. Diferente do que diz (III), a racionalidade jurídica é questionada com frequência.

**2. B**

O fascismo é um claro exemplo de regime baseado na dominação carismática, no qual o líder, no caso Mussolini, é visto como dotado de habilidades extraordinárias, as quais o tornam singular e digno de ser obedecido.

**3. C**

Weber não considerou conceitos como “dominação anômica” e “dominação altruísta”. Por sua vez, a dominação legal é impessoal, enquanto a liderança de Gandhi era profundamente pessoal.

**4. D**

Diferente do que diz (I), a dominação exposta no texto é a racional-legal; e diferente do que diz (III), esta dominação se dá não pelo medo, mas pela racionalidade burocrática que legitima a ordem.

**5. A**

Para Weber, a grande característica do Estado moderno é o fato dele operar uma centralização do poder da violência. Diferente de outras sociedades históricas, no mundo moderno apenas o Estado (ou alguma instituição sob sua autorização) pode exercer violência sem ser considerado criminoso - o que não quer dizer que o uso que o Estado faz desse poder não seja eventualmente questionado.

**6. C**

A principal característica do estoicismo que está presente neste trecho citado na questão é a aceitação do destino com resignação, com serenidade.

**7. C**

O ceticismo – corrente filosófica helenística – se caracteriza pela ideia de que não é possível obter certezas, sendo a verdade cambiante, definida por convenções. Para o filósofo cético é inútil buscar verdades universais.

**8. A**

Epicuro criou um sistema filosófico que procura a busca de prazeres moderados com o objetivo de se alcançar tranquilidade e segurança. Desejos exacerbados causam perturbações, obstruindo o encontro da felicidade. Nesse sentido, Epicuro ficou conhecido como o filósofo do jardim.

**9. A**

Também chamado de ceticismo prático, o pirronismo baseia-se na ideia de que é impossível conhecer a realidade, que é sempre contingente e mutável. Assim, o que restaria ao homem seria renunciar a busca pela verdade, exatamente como se afirma na alternativa A.

**10. B**

De forma resumida, a doutrina de Epicuro é uma filosofia do prazer. Achar o caminho de maior felicidade e tranquilidade, evitando a dor, era a máxima epicurista. No entanto, não se trata da busca de qualquer prazer, que é evidente na canção de Noel Rosa quando exalta sua vida de sambista e nela encontrar indiferença para os que vivem em função do “dinheiro que não compra alegria”. Para Epicuro, a música era um dos prazeres no qual o ser humano ao encontrar, não devia jamais se separar. Epicuro não faz uma defesa do carpe diem ou da libertinagem irresponsável. O prazer em questão não é nunca trivial ou vulgar. Na carta a Meneceu, Epicuro afirma que “nem todo o prazer é digno de ser desejado”, da mesma forma que nem toda dor deve ser evitada incondicionalmente. A deturpação do conceito de prazer usado por Epicuro foi algo que ocorreu durante a sua vida, e ele teve, portanto, a oportunidade de rebater: “Quando dizemos então, que o prazer é a finalidade da nossa vida, não queremos referir-nos aos prazeres dos gozadores dissolutos, para os quais o alvo é o gozo em si. É isso que creem os ignorantes ou aqueles que não compreendem a nossa doutrina ou querem, maldosamente, não entender a sua verdade. Para nós, prazer significa: não ter dores no âmbito físico e não sentir falta de serenidade no âmbito da alma”. Em outras palavras, a ataraxia, a quietude, a ausência de dor, a serenidade e a imperturbabilidade da alma.

**11. D**

As alternativas A, B, C e E vão inteiramente na contramão da visão de Weber, que buscou revelar como as origens do capitalismo, em particular da visão positiva a respeito da busca pelo lucro, estão historicamente associadas a certas modalidades de protestantismo calvinista.

**12. B**

Em sua obra, Weber buscou revelar como as origens do capitalismo, em particular da visão positiva a respeito da busca pelo lucro, estão historicamente associadas a certas modalidades de protestantismo calvinista, as quais viam no sucesso financeiro um sinal das bênçãos de Deus e,portanto, da salvação.

**13. D**

Para Weber, a essência da Modernidade encontra-se no processo de secularização, isto é, na perda progressiva da centralidade da religião no interior da vida social Tal processo, iniciado na Reforma Protestante e chamado pelo autor de “desencantamento do mundo”, não é caracterizado weberianamente como algo positivo (uma “emancipação”) ou negativo, mas simplesmente assinalado como um fato.

**14. C**

A grande característica do capitalismo, para Weber, é a racionalização brutal da vida econômica, que deixa de guiar-se por princípios ou ideais (racionalidade com relação a valores), norteando-se inteiramente por objetivos e metas (racionalidade com relação a fins. Trata-se do reino da utilidade e da eficiência.

**15. C**

Sistema profundamente impessoal e utilitário, focado exclusivamente na eficiência, isto é, no cumprimento de metas, o capitalismo é por si mesmo burocrático, favorecendo a divisão social do trabalho, a meritocracia, a hierarquia e o senso do dever.